

## **Narrativas do passado: memória, história e horizontes de expectativas no centenário do Colégio Coração de Jesus (Florianópolis, 1988 – 1998)**

Ana Luíza Mello Santiago de Andrade<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho concentra-se em um estudo sobre as comemorações em torno do centenário do Colégio Coração de Jesus, escola católica e privada da cidade de Florianópolis. Em seus festejos, ocorridos entre os anos de 1988 e 1998, foi possível verificar o investimento em história e memória que foram dadas a ler de variadas formas; são crônicas, livros e recortes de jornais que dão o tom das comemorações, por meio de narrativas que constroem o passado da escola. As festas centenárias, datadas de 1998, ganharam as ruas de Florianópolis e os jornais locais. As festas centenárias entrelaçam passado, presente e futuro, tendo em vista que começam a anunciar algumas mudanças no já consagrado sistema de ensino até então, atreladas ao passado relembado com saudosismo pelos cronistas locais Paulo e Sérgio da Costa Ramos. Assim, é possível detectar alguns horizontes de expectativas (KOSELLECK, 2006) enunciados pelo Coração de Jesus em meio às suas festas. Novos temas e preocupações para o ensino, novas sedes e novas propostas educacionais marcam a entrada do Colégio no novo milênio.

**Palavras-chave:** Memória, Comemorações, História

Produção, montagem, espetáculo, palco, cortinas. A linguagem teatral é bastante fértil para narrar comemorações e tais noções têm presença nesse trabalho que objetiva destacar a centralidade do ato de comemorar o centenário de uma escola tradicional, tecido para além do espaço meramente escolar. Este trabalho pretende debruçar-se sobre as comemorações produzidas durante o decênio de comemorações do Colégio Coração de Jesus, instituição de ensino privado e católico da cidade de Florianópolis entre os anos de 1988 e 1998. A proposta aqui é entender a preparação e montagem das festas, suas estratégias e táticas, ou mais, os usos desses momentos de aniversário/comemorações para uma instituição de ensino. Afinal, qual o sentido dessas demandas? Que concepções de passado/tempo norteiam isso?

Entendendo as comemorações como a montagem de um espetáculo, é possível pensar que as mesmas foram estrategicamente preparadas e taticamente vivenciadas<sup>2</sup> (CERTEAU,

---

<sup>1</sup> Mestra em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e doutoranda em História pela Universidade de São Paulo (USP). Professora na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). analuizaandrade@gmail.com. Este texto é fruto da dissertação intitulada “Comemorações entre atos”: o centenário do Colégio Coração de Jesus (Florianópolis, 1988 – 1998), defendida em 2013 na Universidade do Estado de Santa Catarina e contou com financiamento da CAPES.

<sup>2</sup> Entendem-se os termos estratégias e táticas a partir dos estudos de Michel de Certeau. Para o autor, a estratégia é, pois, a ação calculada, que busca o homogêneo, planejando ações calculadamente. Os esquemas predeterminados e planejados, como as festas do Colégio Coração de Jesus, são, portanto, feitas de modo estratégico. Já as táticas são as formas de vivenciar tais estratégias, ou mesmo de burlar as regras por elas impostas. São as formas de lidar com os esquemas previamente calculados. As maneiras de vivenciar e driblar as ações estratégicas.

2008 p. 47). Assim, a partir da análise que neste trabalho se segue é possível usar termos como espetáculo, iluminação, plateia, público, palco, bastidores. Tais festejos foram produzidos, narrados, espetacularizados, dados a ver e, aqui, propiciaram uma leitura. A execução de uma peça teatral envolve a escrita do roteiro, a produção do espetáculo, os ensaios, a preparação dos figurinos e do cenário, a direção dos atores no palco, a delimitação de papéis, os cuidados com som e iluminação para, depois de tudo pronto e ensaiado, apresentar-se ao público, abrindo as cortinas do palco, fazendo do roteiro e dos ensaios, da preparação anterior, um espetáculo. Nesta pesquisa, tais festividades foram pensadas desta forma e apresentadas metaforicamente transitando pela lógica da montagem teatral: preparo dos roteiros, cuidado com figurinos e cenários e, por fim, a espetacularização das comemorações, notadamente no espaço público da cidade.

As celebrações referentes ao centenário desta escola foram minuciosamente preparadas e experimentadas por algumas camadas da população da cidade, atores como jornalistas, ex-alunas e ex-alunos, políticos e comerciantes, deixando entrever o trânsito que tal instituição construiu com a cidade, bem como certa extensão dos laços identitários e afetivos que promoveu entre a população local e a escola. Isto aponta para a necessidade de comemorar e lembrar na atualidade. Estas operações são reivindicações de um Tempo Presente.

É, pois, de suma importância perceber a emergência dos estudos que envolvem os debates sobre comemorações para a História do Tempo Presente. Considerando esta corrente uma História de retornos – do fato, do político, do testemunho – há de se destacar o seu recorte temporal situado no pós-guerra, entendendo-se a especificidade do nosso tempo: são vontades e obsessões de memória e de história, são necessidades de buscar ou forjar identidades, de dar sentido, de ter o controle, de unificar, de promover identificações; temos menos memória e pela sua fragilidade há que fazer história. François Hartog, em seu texto intitulado Regimes de Historicidade, discute o *presentismo* e auxilia na compreensão da História do Tempo Presente, bem como da necessidade dos estudos que envolvem os problemas das comemorações:

Outra fenda apareceu no presente por meados dos anos setenta, tão bombástica, mas já bem obcecada com predições: mostrou-se ansiosa acerca da questão da identidade, numa busca pelas raízes, uma ânsia de memória, preocupada com o "patrimônio", atormentada pela conservação de monumentos, de lugares antigos ou não tanto, a preservação da natureza. Ansiosa com a recuperação do que fora perdido, ou estava para ser perdido

ou inquieta com o que fora "esquecido" (especialmente a memória da II Guerra Mundial). (HARTOG, 1996, s/p)

O presente que requer memórias, que as busca no intuito de “recuperar o que fora perdido” e forjar identificações é do que se está falando ao trabalhar com as comemorações referentes ao centenário do Colégio Coração de Jesus em Florianópolis, entre os anos de 1988 e 1998. Para Stuart Hall as identidades não são naturais, biológicas, mas sim “formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 1992; p. 48). Entende-se, portanto, que as comemorações promovidas pelo Colégio fomentaram um rol de representações, um conjunto de significados em torno de sua história, produzindo sentidos, construindo com ações e discursos a importância do Colégio Coração de Jesus para educação catarinense. Essa *comunidade simbólica* (HALL, 1992; p.49) é o que possibilita sentimentos de identificações e pertencimento, tais quais os promovidos em torno da instituição aqui analisada. Ainda referente aos laços identitários que as festas foram capazes de promover e forjar é possível entender tais elos a partir da perspectiva de Z. Bauman, quando afirma que o ser semelhante é mais significativo às distinções. Assim, nas festas do Colégio, é possível perceber o quão relevante é *fazer parte* daquilo que se comemora:

O aspecto em que somos semelhantes é decididamente mais significativo que o que nos separa. Significativo bastante para separar o impacto das diferenças quando se trata de tomar posições. (BAUMAN, 2001, p. 202)

Vestir a camisa da escola foi o que se propôs durante esta década de festas. As vontades de se sentir parte integrante e essencial daqueles eventos é o que aparece nos documentos pesquisados. Os elos afetivos e identitários que a instituição organizou e forjou são os motes comemorativos propagandeados nas escritas aqui analisadas.

Partindo-se da noção de que o historiador está sempre em contato com seu tempo, um dos principais postulados da História do Tempo Presente, entende-se a especificidade de lidar com esses novos temas e novos problemas, como bem afirmam Agnès Chauveau e Phillippe Tétart (CHAUVEAU; TÉTART. 1999 p.10). Entendendo esta mudança na relação entre o historiador, seu tempo e seus temas e considerando que passado se faz no presente, encaminha-se este trabalho para uma análise ancorada nesta perspectiva historiográfica, afinal, o olhar posto sobre este objeto, o Colégio Coração de Jesus, é, pois, um olhar do presente, aderindo-se a ele os temas e os problemas que este presente nos impõe.

Aqui reside a importância das questões acerca das memórias para a História do Tempo

Presente. Para a filósofa argentina Maria Inês Mudrovcic (MUDROVCIC, 2009; p.101), uma das principais características da História do Presente é o retorno de Clio à Mnemosine, ou o retorno da História à Memória. Os historiadores, até então, pouco se dedicaram a estes debates, deixando as discussões ao encargo de cientistas sociais, psicólogos, filósofos. Porém, no fim do século XX, as questões relativas ao uso da memória voltaram a ser preocupação de historiadores, pois essa passou a ser requisitada pelos meios sociais. Pierre Nora é um dos historiadores que entre as décadas de 1970 e 1980 debruçou-se acerca dos estudos sobre as memórias e a proliferação destes lugares para lembrar que evidenciavam que a memória não era mais portátil, daí fixar o termo *lugares de memória* (NORA, 1993). Seus estudos foram bastante movimentados/mobilizados pela onda nacionalista vivenciada na França nos fins do século XX e seu intuito era deixar bastante definidos os lugares da história e das memórias. Paul Ricoeur (RICOEUR, 2007), filósofo francês, dedicou-se em seu livro *A Memória, A História, O Esquecimento*, aos processos fenomenológicos da memória, suas especificidades e problemas, bem como suas relações com a História, entendendo que a memória nunca foi apartada da história, elas estão enredadas em uma íntima relação e este é um processo a ser compreendido a partir da perspectiva que entende que esta “resulta da relação entre a ausência da coisa lembrada e sua presença na forma de representação” (RICOEUR, 2007, p.72). Assim sendo, a memória mobiliza uma ausência, que é trazida ao presente em forma de representação, e desta forma entende-se que não é possível recuperar uma lembrança por completo. O que é possível perceber nas análises dos documentos são as formas de narrar, ou seja, as representações daquilo que é ausente. Para Ricoeur, a linguagem é a região onde os discursos podem se entrecruzar e, assim, o que se analisa, portanto, são as representações construídas de um passado. Para o autor:

Em sua fase declarativa, a memória entra na região da linguagem. A lembrança dita, pronunciada, já é uma espécie de discurso que o sujeito trava consigo mesmo. (RICOEUR, 2007, p. 138)

Estudar as formas como as memórias são requisitadas na contemporaneidade, produzindo sentidos, reelaborando identidades e promovendo encontros é bastante importante para que se entenda a emergência da História do Tempo Presente para o campo historiográfico. O retorno da história às memórias nos traz novas possibilidades de abordagens das questões postas no século XX, especialmente no que tange às comemorações. Em todo o mundo, viu-se o acontecimento de eventos comemorativos; na França, o

bicentenário da Revolução Francesa em 1989; no Brasil, as comemorações referentes à instauração da República; nos níveis locais, encontram-se, igualmente, exemplos de comemorações e, nesse contexto, analisa-se o centenário do Colégio Coração de Jesus. De acordo com E. Hobsbawm, os centenários são invenções datadas do final do século XIX, pois são referentes às comemorações das revoluções americana e francesa (HOBBSAWM, 1988 p.29). Todos esses eventos mostram, além de vontades de comemorar, vontades de memória. A proliferação das memórias está posta na sociedade contemporânea, haja vista que ela é requisitada tanto pelos meios intelectuais como pela sociedade civil, e cabe ao historiador lidar com estas questões sensíveis, violando as memórias para gestar a história (ALBUQUERQUE JR, 2007 p. 119).

As comemorações, em Florianópolis, referentes aos noventa e cem anos do Colégio Coração de Jesus são, logo, questões possíveis para análise a partir da ótica da História do Tempo Presente. Por serem comemorações e colocarem os olhares do presente no passado, usando-o, selecionando-o, inventando-o, percebe-se que o passado esteve imerso nesses festejos, sendo trazido ao presente a serviço das comemorações. Portanto, a forma como foram roteirizadas e apresentadas, as maneiras de ler, escrever e vivenciar as festas é o que se pretende analisar neste trabalho.

Deve-se salientar, também, o aspecto/critério católico das comemorações em torno dessa escola confessional. O catolicismo tem como principais datas algumas importantes comemorações, tais quais Natal e Páscoa. Comemorar estas datas é, para a religião católica, uma de suas principais atividades. Nosso calendário é marcado pelas celebrações do catolicismo e, dessa forma, pode-se pensar que os usos de tais comemorações servem também para reafirmar os valores cristãos para a sociedade civil. É possível entender, portanto, que estas comemorações católicas fazem parte de um *ethos* católico, entendendo-se tal termo a partir dos estudos do antropólogo Clifford Geertz, que afirma que *ethos* seriam os “aspectos morais de uma dada cultura, os elementos valorativos” (GEERTZ, 2008; p. 92). Ainda de acordo com Geertz:

Na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao Estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida. (GEERTZ, 2008, p. 67)

O uso dos atos e datas comemorativas parece ter tido um funcionamento bastante semelhante por parte do Colégio Coração de Jesus, pois as comemorações tiveram também centralidade nas atividades em torno dos aniversários da escola. Nessas festividades, a liturgia católica apresentou-se como uma das principais práticas. Nos casos aqui estudados, as celebrações católicas – como missas e procissões – e os valores católicos – como o amor a Deus, as palavras da Bíblia e o ensino religioso – são pontos enfatizados nas narrativas produzidas no seio desses acontecimentos. Mais ainda, os valores católicos parecem ser exaltados, evidenciando que o maior elo entre instituição e tradição se dá pelo catolicismo arraigado naquele meio escolar que abrigava filhas das chamadas elites locais. Entende-se por elite o que Flávio Heinz considera como “dirigentes, pessoas influentes, abastados ou privilegiados” (HEINZ, 2006; p. 7) e, assim, percebendo que o acesso a este meio escolar privado estava bastante restrito às filhas destes dirigentes locais, essas fazendo parte das chamadas elites. Para Maria Teresa Santos Cunha, em seu estudo acerca dos jornais infantis produzidos pelas alunas do Colégio Coração de Jesus entre as décadas de 1940 e 1950, a partir dos documentos guardados pode-se problematizar a tarefa do historiador no trabalho com as elites, a fim de compreender a construção de seu universo:

A tarefa do historiador, aqui, consiste em problematizar estas fontes por meio de um ato significativo de interpretação, ‘o de quem a preserva para o futuro, tanto quanto o de quem a recupera para o presente’ para descobrir outros mundos possíveis e dele extrair um universo mental e material das elites. (CUNHA, 2011; p. 239).

É a isto que este trabalho se propõe: debruçar-se sobre documentos escritos variados, tais como livro comemorativo editado sob os auspícios do próprio colégio, crônicas e reportagens de jornais, para uma melhor compreensão dos valores partilhados por parte desta elite em torno do Colégio Coração de Jesus.

A ideia inicial desta pesquisa surgiu justamente do questionamento quanto às relações entre Estado e Igreja Católica. Se já em fins do século XIX e com o início do sistema republicano no país a constituição previu um Estado Laico, é válido buscar compreender o trânsito de instituições como o Colégio Coração de Jesus nas vias e na vida pública da cidade, bem como a valorização das propostas educacionais oferecidas no interior da escola por parte deste meio público, tais como jornais locais e colunas sociais. Entender, portanto, no catolicismo - e principalmente na positividade dada aos seus valores - um dos principais avais para o trânsito na cidade é um ponto relevante nas análises que se seguem. Estas relações

entre o Colégio católico e a vida pública podem ser pensadas a partir da perspectiva de Rogério Luiz de Souza:

Afinal, a partir de 1890, com a separação decretada entre Estado e Igreja, o processo de criação de dioceses foi acelerado, passando de doze para oitenta unidades diocesanas em apenas quarenta anos. Houve, claramente, uma estratégia de restauração e expansão da Igreja Católica, marcada por uma nova organização espacial e funcional de modo a estabelecer-se em lugares centrais da vida política e econômica dos Estados brasileiros e a favorecer sua aproximação e articulação com as elites locais. (SOUZA, 2008, p.)

O Colégio Coração de Jesus iniciou suas atividades em 1898 com a vinda das Irmãs da Congregação da Divina Providência para o Estado de Santa Catarina. Esta congregação iniciou suas atividades, em meados do século XIX, atendendo às demandas de uma época, com vistas às obras de caridade e às benfeitorias, com o intuito de “ajudar e atender aos pobres e aos marginalizados na Alemanha.” (BIANCHEZZI, 2008). Inicialmente com poucas alunas, a escola abriu as portas para o ensino confessional e privado na cidade. Em fins do século XIX e início do século XX, na capital do Estado, com um novo sistema de governo, novos serviços para as elites locais eram requisitados. A educação foi um desses serviços que auxiliaram na modernização do Estado e o Colégio Coração de Jesus inicia suas atividades neste tom. Nos anos iniciais, abrigou as filhas de uma nova elite local, composta de funcionários públicos e políticos, por exemplo, como demonstra o estudo de Maria Teresa Santos Cunha e Elisabeth Juchem Machado Leal:

Os registros de matrícula mais recuados encontrados na Secretaria do Colégio datam de 1912 e constam do “Livro de matrícula do Curso Complementar”. 33 alunas estavam matriculadas nesse curso. Eram as seguintes as profissões ou cargos dos pais: negociante (11); estancieiro/fazendeiro (4); desembargador (4); empregado público (3); funcionário público estadual (2); comerciante (2); engenheiro (2); diretor da Empresa de Terras e Colonização (1); Diretor da Estrada de Ferro (1); ferreiro (1); colchoeiro (1) e padeiro (1). (CUNHA; LEAL, 1991 p.38)

Esta nova elite local, que vivia o sonho de uma república (CHEREM, 2001 p.298), tinha garantidos os estudos para suas filhas e seus filhos, pois o Colégio teve seu correspondente para a educação dos varões das famílias *tradicionais* do Estado: o Colégio Catarinense, também em caráter confessional e privado, pertencendo à ordem Jesuíta. Para Norberto Dallabrida, a instalação destas escolas confessionais está bastante relacionada à “perda da condição de religião oficial e da supressão do ensino religioso nas escolas

públicas”, e, por esta perda de público, a “Igreja Católica passou a reinventar sua ação pastoral, procurando disseminar a ortodoxia romana” (DALLABRIDA, 2001, p.19). Figurando nos inícios do século XX como um dos principais meios de educação para essas meninas, o Colégio segue uma trajetória de aprimoramento da educação oferecida. Se, em seu início, a formação escolar da mulher e sua profissionalização como professora eram o foco do ensino oferecido em seus bancos escolares, em meados da década de 1950 esta situação sofre algumas alterações, com a implantação do Curso Científico, alargando as possibilidades quanto à profissionalização e aos acessos aos cursos superiores. (MARTINI, 2010). Outra notável modificação ocorreu a partir de 1971. Até o momento, a escola dedicara-se apenas à educação feminina em suas salas de aula e, a partir de tal data, passou a abrigar também meninos, fato que sinaliza uma atenção aos novos tempos de coeducação.

Para entender as razões de se comemorar aniversários por parte da instituição, uma variada gama de documentos foi reunida. Dentre elas, crônicas, colunas sociais, jornais de circulação interna, livros, agendas escolares e anais do I Congresso de Educação promovido pela escola, em 1998. Nesses escritos, é possível perceber de que forma os festejos foram ensaiados, produzidos e exibidos. Podem-se notar os usos da memória e da História, as maneiras de forjar identificações geracionais e de classe, de definir o lugar no espaço (CERTEAU, 2008; p.176), ou seja, os documentos aqui estudados deixam entrever os recursos estratégicos do Colégio durante as comemorações. Mas ainda é necessário salientar os usos das comemorações num momento de propostas de modernização educacionais pensadas e esperadas pela instituição.

As crônicas aparecem neste trabalho como importantes documentos a serem estudadas. Nelas, foi possível encontrar e analisar as mil maneiras de experienciar a escola e os festejos que os indivíduos demonstraram em seus escritos. Como forma de iluminar a questão proposta, foi possível estudar um conjunto de crônicas de ex-alunas da escola, chamadas a dar seus depoimentos em um Informe Especial no Jornal *O Estado*, quando da comemoração dos 90 anos da instituição, em 1988. As formas de produção de si, de representações que faziam da escola, e os usos que o Colégio fez dessas memórias narradas é o que se espera discutir ao analisar este conjunto de crônicas. Além das ex-alunas dois cronistas de diferentes jornais locais dedicaram-se a contar suas memórias pessoais em suas crônicas. Paulo da Costa Ramos, no Jornal *O Estado*, relata suas experiências de juventude em torno do Colégio, congraçando-o por seu centenário. Já seu irmão, Sérgio da Costa Ramos, no Jornal *Diário Catarinense*, traz em sua crônica muitas lembranças da Festa do



Divino Espírito Santo de sua juventude, festa a qual esteve sob a responsabilidade do Colégio Coração de Jesus em 1998, ano de seu texto. As crônicas são, portanto, trabalhadas como documentos bastante importantes para perceber os usos desta modalidade de narrativa em momentos comemorativos e, a partir delas, podem-se notar as representações e identificações criadas pelos escritos em torno da instituição, foco deste trabalho.

Outro documento aqui analisado é o jornal de circulação interna, intitulado *Palavra do Coração*, periódico que trazia suas páginas, uma forma de programa da peça apresentada nas comemorações centenárias. Iniciando suas atividades em 1997, um ano antes da festa do centenário, este impresso distribuído à comunidade escolar mensalmente, está presente no acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, em uma pasta específica onde se encontram guardados escritos sobre a instituição. Enviado pelo Colégio à Biblioteca, pode-se perceber intenções de guardar para perenizar os relatos ali contidos, as narrativas ali construídas. Deve-se destacar, ainda, que apenas os exemplares relativos à Festa do Centenário e Festa do Divino foram doados à Biblioteca Pública. Dessa maneira, o Colégio buscou deixar rastros de seus festejos através de suas próprias narrativas. *Palavra do Coração* é uma das modalidades de escrita analisadas neste trabalho, que evidencia as vontades da escola quanto à divulgação de seus feitos em meio às festividades. Através deles, é possível remontar um pouco as festas, percebendo, ainda na construção dos textos, as maneiras laudatórias de contar e narrar sua história.

Através da divulgação feita pelo Colégio, as festas foram conagraçadas e receberam destaque das colunas sociais dos jornais locais, como o *Diário Catarinense* e o *Jornal O Estado*. Por elas, é possível ler os investimentos da escola ao chamar seus ex-alunos e ex-alunas, a opinião pública e em maior extensão propagandear o centenário para atingir o próprio público leitor dos jornais. Cabe aqui ressaltar a atuação do jornalista Aldo Granjeiro, assessor de imprensa da instituição no que se refere à divulgação dos atos comemorativos. Nas poucos documentos que puderam ser consultadas no acervo do Colégio Coração de Jesus, um número bastante significativo de correspondências deste contrarregra do espetáculo foi encontrado. Nelas, as direções e pormenores das formas de expor as festividades ficam em evidência. O contrarregra, nas peças teatrais, é o profissional responsável pelos objetos postos em cena e pela entrada dos atores no momento certo. Esta parece ser a função do assessor de imprensa em meio às comemorações. Escolhendo os objetos a colocar em evidência, sua atuação veio no sentido de divulgar e promover a instituição, como foi possível verificar no comunicado enviado à equipe do programa de televisão *Espaço Aberto*, em 31 de março de

1998. Nesta data, a diretora da instituição daria uma entrevista ao programa e, antecipadamente, o assessor envia as perguntas que deveriam ser feitas à diretora, visando divulgar a escola no seu momento de auge comemorativo<sup>3</sup>.

Outro ponto bastante relevante é o destaque dado ao Colégio pelas colunas sociais em meio às festas. Estar nas colunas sociais dos jornais locais viabilizou a execução das festas e chamou a comunidade escolar a participar, tendo em vista que o público alvo das colunas sociais, ou seja, quem comumente lê tais notas, parece porvir das classes médias e altas urbanas e escolarizadas, público alvo também do Colégio. Possivelmente, boa parte de seus ex-alunos é também leitora destas colunas do jornal.

No ano de comemoração dos 90 anos da escola, a historiadora Maria Regina Boppré foi chamada para produzir um livro contando a história da instituição, bem como para organizar seu acervo. A partir do livro *O Colégio Coração de Jesus na Educação Catarinense (1898 – 1988)* nota-se os investimentos em História e as vontades de guardar. Neste sentido, através da leitura e análise do seu conteúdo, procurando os destaques dados pela autora para alguns momentos da escola, esta ação tornou possível analisar a construção da narrativa do livro, quais pontos foram destacados, logo, que história é relevante contar – e afirmar – num momento de comemorações e, mais ainda, quais os usos dessas histórias narradas. Este livro apresenta-se como uma fonte bastante fértil para pensar os usos da História em meio às comemorações.

Nos anais do I Congresso de Educação, encontrado na Biblioteca da Universidade do Estado de Santa Catarina, e nas agendas escolares vindas de acervos pessoais, os projetos futuros da escola são dados a ler, mostrando parte de seus *horizontes de expectativa* (KOSELLECK, 2006). Como uma abertura para *um novo tempo*, este evento parece trazer novas ideias quanto ao ensino proposto pela escola e, assim, mudanças e diferenciações aos modelos passados, ou seja, “o que se espera para o futuro está claramente limitado de uma forma diferente do que foi experimentado no passado.” (KOSELLECK, 2006; p. 311). São *horizontes de expectativa* que se delineiam no seio das comemorações. As noções de Reinhart Koselleck para tal termo parecem caber para as análises referentes aos eventos promovidos pelo Colégio Coração de Jesus, pois este abre seus horizontes em direção ao futuro e, assim sendo, concorda-se com Koselleck quando esse afirma que o “Horizonte quer dizer aquela

---

<sup>3</sup> Dentre as perguntas enviadas por Aldo Granjeiro para direcionar a entrevista que seria dada por Ir. Norma Feuser, diretora da instituição, estão as seguintes: o que motivou a instalação do Colégio em Florianópolis? Qual o significado desses cem anos? Qual a missão do ensino privado? O que faz a diferença no Colégio Coração de Jesus?

linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência, mas um espaço que ainda não pode ser contemplado.” (KOSELLECK, 2006; p. 311).

Esse congresso ocorreu também no ano de 1998 e figura nos documentos deixados pelo Colégio, notadamente em seu acervo, como a principal comemoração do centenário<sup>4</sup>. Assim, a partir dos anais, contendo escritos da direção e coordenação da escola, é válido ler as relações entre as modernizações propostas para educação com as tradições reafirmadas pelas outras festividades promovidas. O intuito aqui é perceber a fixação de bases tradicionais na educação florianopolitana para promover modernizações e modificações no ensino.

Assim, o artigo aqui proposto centra-se em análises de momentos comemorativos, entendendo os usos das festas para promoção da escola. Num primeiro momento, o *Primeiro Ato* desta peça, é possível traçar um estudo sobre a importância de preparar as comemorações dez anos antes do centenário. Atenta-se ainda para a feitura das festas, buscando compreender as formas de comemorar, entendendo este momento como a preparação do Colégio para a montagem do espetáculo a ser feito dez anos depois. De tal forma, buscou-se perceber as estratégias pensadas no sentido de fixar bases sólidas da escola. Analisa-se assim, a partir de elementos como, por exemplo, as comissões montadas pela escola, e citadas por Maria Regina Boppré (1989), considerada historiadora oficial do Colégio, como essa festa foi organizada e como foi contada, relatada posteriormente, sinalizando algumas representações que a instituição construiu de si em forma de textos.

Num segundo momento, ou o aqui chamado *Entreatos* do espetáculo, foi possível um estudo acerca da comemoração de centenários, evidenciando o centenário do Colégio Coração de Jesus. Deve-se salientar que a escola é uma das instituições catarinenses iniciadas com a República, atendendo as necessidades de certo público. Assim como o CCJ, muitas outras instituições pelo Brasil comemoram seu centenário em fins do século XX e inícios do século XXI. As comemorações são, pois, problemáticas possíveis para a História do Tempo Presente. Para tais estudos foca-se aqui em dois festejos. O primeiro deles é a Festa do Divino Espírito Santo, promovida no centro da cidade – na praça ao lado da instituição – e que teve como festeiro<sup>5</sup> (o responsável pela festa) o Colégio Coração de Jesus. Os usos desta festa são

---

<sup>4</sup> No acervo do Colégio Coração de Jesus, foram encontradas três pastas produzidas para guardar materiais referentes ao ano de 1998, intituladas MEMÓRIA – CCJ – 1998. Nelas, a maior parte das fontes diz respeito ao I Congresso de Educação, especialmente às cartas e mensagens enviadas à instituição sobre este evento. Políticos locais e profissionais envolvidos com a educação enviam mensagens parabenizando o CCJ pela iniciativa do Congresso, bem como se explicam pela ausência no mesmo. Ainda no jornal Palavra do Coração, a narrativa produzida pela escola dá bastante destaque ao evento, colocando-o em posição de destaque frente aos outros atos.

<sup>5</sup> Comumente, os festeiros da Festa do Divino são casais que dispõem-se a organizar e promover a festividade.

percebidos através do enlace de tradição, catolicismo, elites locais e camadas populares, demonstrando as movimentações e passos dados pela escola durante o festejo. Foi possível, ainda, recriar as festividades do Divino, buscando perceber a cidade praticada em torno deste festejo, como é possível ler através da crônica de Sérgio da Costa Ramos. Um leque de documentos foi reunido e, a partir dele, é possível notar esta festa e seus usos e representações.

Outra comemoração analisada é referente ao *Dia do Ex-Aluno* ou à *Festa do Centenário*. Na festa, atividades que propunham caminhar pela cidade foram uma das principais atividades. As ex-alunas são organizadas pelo Colégio e mostram-se para cidade. Através dos jornais de circulação interna *Palavra do Coração* percebe-se de que forma a escola se expôs ao público e como organizou o dia do ex-aluno. A partir da crônica de Paulo da Costa Ramos no Jornal *O Estado*, da repercussão e divulgação do festejo nos jornais locais e da representação da festa no jornal *Palavra do Coração* é possível pensar nas formas como a festa foi montada e executada, a que momentos da história da escola ela recorre – seja através das ex-alunas ou das outras atividades propostas, como a alvorada festiva ou a musealização de antigas salas de aulas.

Já num terceiro momento, nesta organização caracterizado como *Segundo Ato* foi possível verificar os projetos futuros da escola. Estes projetos são dados a ler a partir dos Anais do I Congresso de Educação da escola. Os projetos para o futuro começam a tomar corpo no período entre 1988 e 1998.

A pesquisa, centrada nos documentos aqui arrolados, procurou perceber aspectos de produções de si, do forjar de identificações, dos horizontes de expectativas que permitem questionar a significação desse evento no presente e abrir significados para suas possíveis ressonâncias no futuro. Todos esses objetos cênicos, atores e cenários juntam-se para formar um enredo composto de dois atos que, além do que o roteiro prevê, dão a ler aspectos úteis para a problematização das comemorações do Colégio Coração de Jesus e suas *mil formas de fazer* as comemorações no Tempo Presente.

## Referências

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de Albuquerque. **História: a arte de inventar o passado.** Ensaios de Teoria da História; Bauru, SP: Edusc, 2007.

---

No ano de comemoração de seu centenário, numa inovação, a instituição Colégio Coração de Jesus assume este cargo e fica à frente da organização da festa.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

BIANCHEZZI, Clarice. Novos rumos dentro da Igreja: a comunidade de religiosas Fraternidade Esperança. In: SOUZA, Rogério Luiz de. OTTO, Clárcia (orgs). **Faces do Catolicismo**. Florianópolis, Insular, 2008

BOPPRÉ, Maria Regina. **O Colégio Coração de Jesus na Educação Catarinense**. Florianópolis: Colégio Coração de Jesus: Lunardelli, 1989.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHAUVEAU, Agnès. TÉTART, Phillippe (orgs). **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

CHEREM, Rosângela Miranda. Do sonho ao despertar: expectativas sociais e paixões políticas no início republicano na capital de Santa Catarina. In: BRANCHER, Ana. AREND, Sílvia Maria Fávero (orgs). **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

CUNHA, Maria Teresa Santos. LEAL, Elisabeth Juchem Machado. **A educação da mulher: uma visão do cotidiano de um colégio religioso feminino**. Relatório de Pesquisa. UFSC. 1991.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Mensageiro de Sociabilidades: estudo sobre um jornal escolar infantil (Florianópolis, 1946 – 1952). In: MORGA, Antônio Emilio. (org) **História, cidade e sociabilidade**. Itajaí: Casa Aberta Editora, 2011.

DALLABRIDA, Norberto. **Fabricação Escolar das Elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro : LTC, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** . 6. ed. . Rio de Janeiro: DP&A, 1992.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade: Time, History and the Writing of History: the Order of Time**. In: KVHAA *Konferenser* Stockholm 1996. Disponível em [http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html#\\*](http://www.fflch.usp.br/dh/heros/excerpta/hartog/hartog.html#*)

HEINZ, Flávio Madureira (org). **Por uma outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HOBBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto. Ed. PUC-Rio, 2006.

MARTINI, Estela Maris Sartori. **Mulheres destinadas ao êxito: Trajetórias Escolares e Profissionais de Ex- Alunas do Curso Científico do Colégio Coração de Jesus de Florianópolis (1949/1960)**. Dissertação. Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa, 2010.

MUDROVIC, Maria Inês. Por que Clio retornou a mnemosine? In: AZEVEDO, Cecília et al. (orgs). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, dez. 1993.

RICOEUR, Paul, **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. da UNICAMP 2007.

SOUZA, Rogério Luiz de. OTTO, Clarícia (orgs). **Faces do Catolicismo**. Florianópolis, Insular, 2008.